



# Vida difficil

(Cliché de Viriato Silva)

PROPRIETARIO

*Joaquim Antonio Pereira Villela*

DIRECTOR

*r. Francisco de Souza Gomes Velloso.*

ADMINISTRADOR E EDITOR

*Clemente de Campos A. Peixoto.*

## Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
BRAGA

## CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

*Portugal e colonias* — Um anno 2\$400

Semestre 1\$200. Trimestre 600, rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregador  
acresce o importe das despesas

*Extrangeiro*—Um anno, 3\$000.

Numero avulso, 60 reis

# ARTE RELIGIOSA

## A Imprensa

### ORNAMENTOS D'EGREJA

No importante estabelecimento de paramentos d'egreja e artigos religiosos que o sr. Monteiro Borges possui na rua do sol angulo da rua da Batalha, encontram-se expostas umas sanefas para andor, dignas de referencia pela sua riqueza e, sobretudo, pela delicadeza e perfeição do trabalho. São em ilhama de prata, com bordados a ouro, primorosamente executados, produzindo um bello efeito decorativo. A par d'essas sumptuosas sanefas que se destinam a Azurara (Villa do Conde), expõe o sr. Monteiro Borges lindissimas coroas de flores artificiaes, confeccionadas com enexidivel esmero. O estabelecimento do Sr. Monteiro Borges é, no genero, o mais importante do paiz, pela sua instalação modelar e pela superioridade dos artigos que confecciona e vende.

(De O Primeiro de Janeiro)

### ESCULTURA RELIGIOSA

N'uma das grandes vitrines do importante estabelecimento de ornamentos d'egreja do sr. Monteiro Borges a rua da batalha, tem estado exposta uma linda imagem da Senhora de Lourdes, que se destina a Coimbra. E' uma escultura em madeira delicadamente modelada, que pode considerat-se um trabalho notavel, tal a perfeição do acabamento. Nos ateliers do sr. Monteiro Borges foi tambem executada, para a Pesqueira, uma bella imagem de Santo Antonio, que mereceu os elogios de todas as pessoas que puderam vel'a. A casa Monteiro Borges é a mais importante de quantas, entre nós, fabricam e vendem artigos religiosos.

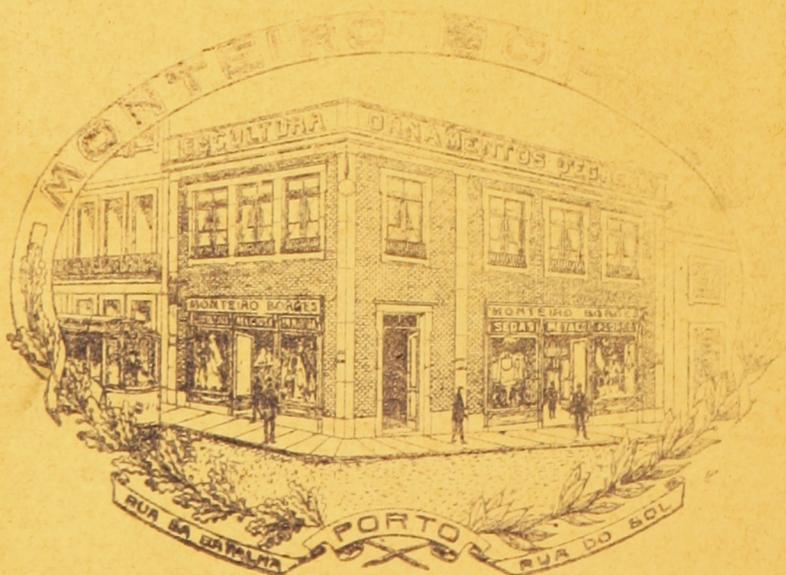
(Do mesmo jornal).

**AS EGREJAS**  
fornecem-se da  
**casa Monteiro Borges**  
(Ruas do Sol e Batalha-Porto)  
por ser a mais completa no seu genero

O que ha de mais belo  
em **IMAGENS**  
de mais importante  
em **PARAMENTOS**  
e de mais fino em  
**ALFAIAS**



ESCULTURA  
RELIGIOSA  
EM  
M' DEIRA





# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

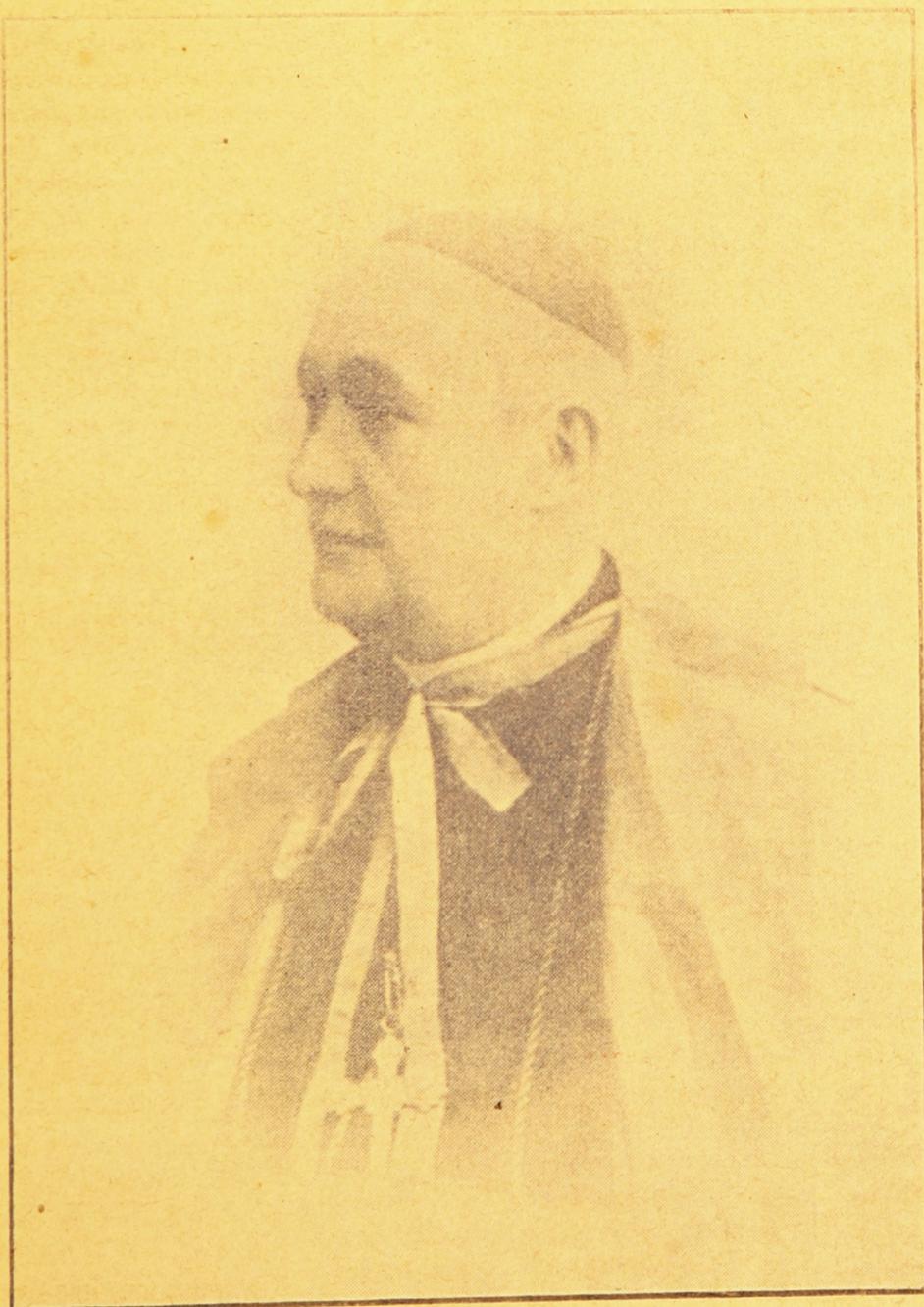
Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Velloso

EDITOR E ADMINISTRADOR  
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 11 de novembro de 1916

Numero 176 - Anno IV



Em.<sup>mo</sup> Cardeal Julio Boschi, Arcebispo de Ferrara

Nasceu em Perugia a 2 de março de 1838, e foi creado Cardeal em 15 de abril de 1901

(Phot. Felici.)

# CHRONICA DA SEMANA

## Futurismo politico

Foi uma tempestuosa noite a de hoje. Ouvia-se cá de longe n'esta parte mais alta da cidade o acapellado rumor do mar, e a chuva, rodopiando ao sôpro violentissimo do vento, varrendo praças, jardins e avenidas, chicotea silvante nas vidraças. Aqui, no meu gabinete vou escrevendo e apontoando estas notas que os meus leitores receberão com o alraço imposto pelas officinas de typographia e impressão, quantas vezes tambem pelos azares dos nossos excellentes correios.

Os jornaes de hoje veem tetricos, prenunciando graves resoluções governativas, como a suspensão das garantias e mais ainda, a proxima partida dos nossos soldados para a França. Por incidente (visto como só incidentemente podem sêr tocados assumptos tão perniciosos às conveniencias jacobinas do governo inventor da censura) allude-se adiamento do acto eleitoral.

Hontem de tarde um excepcional democrático com quem converso, declarava-me:

—Bem vês, sem camaras e sem juntas não é possivel ter deputados. Vocês levavam-nol'as quase todas. As eleições tinham de sêr, pelo menos, addiadas! Em Lisbôa ainda propuzémos ao Affonso a recondução dos corpos administrativos por um decreto. Mas não foi accete o alvitre...

Mais tarde, horas depois, um catholico dos que trabalhavam, mais completava assim aquellas confissões:

—E' vêr e meditar n'esta lição! Se este simples movimento reagente lhes poz arrepios no espinhaço, que pavor não os ataria se os catholicos comprehendessem o valor e a urgica necessidade dos centros?...

Como não me ufano de propheta, por aqui me quêdo á aspêra do desenrolar final d'este film eleitoral que me vae dar sem duvida uns dias de descanso, para defidamente contemplar nas listas apresentadas pelos democráticos os nomes de varios padres (*sic*) de genio e consciencia mais que voltarios, que afinal usam batina por engano. São uns typos curiosissimos estes reverendos que Luís Veuillot mostraria aa mundo depois de assados ao lume vivo dos seus sascarmos escaldantes, espetados pelo umbigo no bico de aço da sua penna formidavel de polemista!

Ha dias recebia eu d'um concelho do norte uma tira de papel com uma lista chamada democratica evolucionista, talvez pelas enormes faculdades democrático-evolutivas dos componentes d'ella. E por baixo o anonymo remellente escrevera estas phantasticas palavras n'uma letrinha miúda que me revelou logo a mão que a rabiscára—a do abbade de C...: «estes demokratas evolucionistas são todos bons catholicos e monarchicos». O leitor está a vêr o abbade de C... figurante na lista com todos estes maravilhosos predicados: democrático catholico, abbade, monarchico e evolucionista! E ainda dizem que não ha boas digestões n'este paiz!

Se me presentassem um exemplar d'estes entregava-o logo ao sr. pintor abstracionista Amadeu Cardoso que vem de fazer exposiçào dos seus trabalhos futuristas a oleo e a tinta da china no salão de festas do Passos Manoel. Porquê? perguntará o leitor meio confuso. Ora porque?! Porque só um grande poder de abstracção nos faz perceber aquella salada archi-russa do abbade. Os desenhos (?) do sr. Cardoso, rico rapaz de Villa Meã que de pintor vulgar, como ha muitos, deu brados em Paris com as suas excentricidades futuristas, são assim mirabolantemente descriptos por um critico, um tal sr. Vanxelles, padecente do mesmo futurismo, é evidente: «Cardoso usa de estilysações prodigiosas, alongamentos, estiramentos, *déhanchements*, contorsões, que nos trazem á ideia nem eu sei que divindades polynésianas, patagonicas, mexicanas, asthécas». E o critico francez—o grande critico!—acrescenta offensivamente do alto de suas prosápias: «De resto elle é portuguez». Como quem nos compara às tribús selvagens da Malasia ou da America Central!

Ora pondo em linhas parallelas estes disticos, o do abbade e o do critico futurista a impressào é precisamente a mesma e o resultado—nenhum que se perceba. Eil os aqui:

*Democratico, catholico, abbade, monarchico, evolucionista, divindades, polynésianas, patagonicas, mexicanas, asthécas.*

O leitor percebeu alguma coisa? Apenas uma, como eu; e é que tanto o abbade com o sr. Cardoso de resto são portuguezes por favor ou por acaso de nascimento!—pois nenhum d'elles tractou de Portugal, de coisas politicas e artisticas portuguezas.

Deante d'aquellas formulas sente-se como effeito, como diz o sr. Vasconcellos, que «ir mais além seria quebrar pela espinha, costear o abismo, penetrar no puro abstracto, ousar o informe», que em verdade tracta-se de «construções architecturaes tão desprendidas das nossas convenções (*as do bom-senso apenas, o sr. Vasconcellos!*) como qualquer construção ou habitante d'outro planeta».

Este planeta quer-me parecer a mim que será o de Mercurio, deus dos traficantes. Mas sujeito o alvitre á decisào da assembleia.

Em qualquer caso, porque não vae p'ra Paris o sr. abbade? Voltaria célebre, com um ou mesmo dois elogios de Vasconcellos e quatro ou cinco borradas futuristas sobre politica portugueza—de estarrecer os seu parochianos!

# Vida intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

Pragas

Desde que magestosamente a cathedra solemne da philosophia do crimes, e installou no *écran* brunido, de todos os theatros, a criminalidade augmentou assustadoramente e o crime deixou de produzir-se nas suas formulas corredias, para nos surgir complicado, em subtilezas e requintes. O problema do analfabetismo criminal, teve enfim solução e, nas cidades, nos grandes centros de vida e de tumulto, o crime, logrou a sua instrução superior. Nas terreolas distantes onde não chegam ainda as aristocraticas, pomposas *series d'ouro*, ficaram em pleno triumpho, as ingenuas, primitivas pelliculas, com as suas classicas correrias, as suas perseguições extravagantes de comicas peripecias—comboios fumegando entre paysagens tranquillias, autos desvairados, businando ferozes, por moitas e devezas, choques, quedas, saltos, o gatuno pirraceando ladino o eterno gendarme tropego, ridiculo, nas suas botas enormes, no seu espadagão theatral. E' o ensino elementar, o desbravar das vocações, o primeiro arranco, o alfabeto da gatunice. Na cidade ficou naturalmente o ensino superior.

Nas villas, nas aldeias, n'esses alvoraçados mas insipidos domingos provincianos, ministram-se solemnes as primeiras lettras do crime. O ratoneiro vulgar, ignorante, pode instruir-se já nos complicados mysterios do seu officio, preparar-se enfim, para conquistar a cidade, e poder seguir os cursos superiores. Na aldeia, o crime é ainda tão simples, desartificioso e vulgar, como nas cidades é reflectido, romanesco, subtil. E' afinal a vocação methodisada, o instincto disciplinado, o officio apurando-se, subtilizando-se mesmo. Jose do Telhado é um salteador cabula, que abandonou os estudos; Fantomas é um ladrão diplomado, um *urso* da tranquibernia e da falcatrua. O crime prospera e o crime vulgarisa se com este genero de fitas policiaes. D'onde veio esta praga? de que extranho e arrevesado paiz veio até nós, esta terrivel epidemia?

A fita policial é filha legitima da novella policial ingleza. Um justo criterio de moralidade levou os inglezes a pôr de parte as novellas francezas, o romance sensacional á *Ponson*, os pesados dramalhões á *Decoucelle*, toda essa romanesca insipida litteratura de *boulevard* e crear a inoffensiva e enredada novella policial. Conan Doyle creou e impoz o genero com as suas engenhosas narrativas, sempre versadas na luca entre o gatuno e o *detective*. Creou *Sherlok Holmes*, creou *Raffles* e lançando-os na vida, chocando-os, remechendo-os, fez a sua obra onde, se não ha moral em excesso tambem não existe pornographia. Mesmo porque a base moral da obra litteraria do engenhoso novellista, se resume n'um curioso dualismo: a luca entre o policia e o ladrão onde com boa vontade se poderá ver um certo desejo de incitar o bem e castigar o mal. *Doyle* não exalta o gatuno. O seu empenho é engrandecer essa figura phantastica de *detective* invencivel. A obra das empresas cynematographicas que adoptaram e modificaram o genero do escriptor inglez, é valorisar, sublimar o ladrão. Um ensina a prender, a castigar; outro ensina a roubar, facilita a impunidade.

Espalhou-se então pelo mundo a verdadeira epidemia dos ladrões e dos policias, todos os *Raffles*, os *Lupins*, os *Fantomas*, todos os argutos *mouchards* desde *Holmes* o homem frio, com o seu cachimbo e o seu raciocinio, até á ousada e astuciosa *Miss Boston*. E assim a modicos preços, o publico pode aprender como se rouba e mata melhor, como se força um cofre e amordaça um policia, como se envenena e como se falsifica, toda a complicada sciencia do officio, afinal.

Todos os dias conhecemos pelos jornaes novos e extravagantes crimes sem a espontaneidade brutal d'uma allucinação, mas revestidos de detalhes tão romanticos, tão surprehendedentes, tão inveteradamente litterarios, como as façanhas romanescas das pelliculas. Hoje cada gatuno se sente um *Fantomas*, se suppõe um *Lupin* e com esta disposição e o incilamento suggestivo das fitas, o crime attinge proporções assustadoras. O cynematographo é hoje o melhor agente de immoralidade e dissolvenca. E' um inimigo perigoso que é preciso combater. N'este desgraçado paiz,—pelo contrario,—onde afincadamente se trabalha para apagar a ultima tradição, esmagar a ultima crença, inutilizar os raros elementos de combate para tão terrivel mal, essa obra deve estar largamente subsidiada.

E' por isso que todas as vezes, que entro n'um *cine* hesito, vacillo, e pergunto-me intrigado, se estarei n'uma casa d'espectaculos ou n'uma repartição d'estado dependente do ministerio da instrução . . .

# Phantasia d'uma tarde d'outomno

POR CARLOS D'OLIVEIRA.

**C**OMO as folhas das arvores vão tombando como lagrimas outomnaes e o ar é brando e impregnado de aromas e a luz é macia, — cerrei as minhas palpebras á caricia do sonho, como se mãos de marfim m'as cerrassem...

A luz vinha coada da ramaria bondosa que desenhava no chão o seu arabes o de sombra verde-escura. A um canto do jardim, onde a agua jorrava da bocca escancarada d'um trifão symbolico, fazendo ru-môr e preparando a alma a um brando exercicio de monofonia, meus olhos cerrados scismavam, olhavam os jardins suspensos do sonho, chimerica obra de imaginação, onde se levantam mil columnas de marmore, onde crescem arvores de perfumes exóticos, onde ha escadarias que vão dar a alamedas...

Foi nos jardins suspensos do sonho que vos encontrei, ó minha bem-amada! E ao vêr vos, de tunica de linho que vos cingia o corpo gracil e melodioso e flexuoso como um vime, trazendo nos labios a flôr dos sorrisos enigmaticos, nos olhos azues de turqueza um olhar de *spleen*, de quem nasceu a fitar o mar e o céu, e nas mãos finas e exquisitas e fidalgas dois grandes cysanthemos d'oiro,—ao vêr-vos, d'olhos cerrados e dos jardins suspensos do sonho, o sol que era um rubim enorme, era mais bello que o que eu via na terra, e o crepusculo era mais doce e macio e esplendoroso do que um tapete oriental, que beijasse os pés d'uma princeza, calçados de sandalias cravejadas de pedras.

Oh minha bem-Amada, como é bom cerrar-se os olhos a um crepusculo d'outomno, a um canto d'um jardim!

Passastes pela minha beira. Estava scismando, com um livro aberto de Samain nas mãos inquietas de sonho, que as mãos tambem tem sonhos e sonham mãos afuzeladas e patricias para n'uma doce intimidade esculpirem a belleza dos seus gestos fugazes...

Que é a vida, ó minha bem-Amada?

Alguem a explicou, d'olhos cerrados como os leões que vigiavam certa princeza moira? Alguem a definiu d'olhos abertos para a luz, a luz que fere a retina?

A vida, para vós, oh minha bem-Amada, são os olhos azues, immensamente azues e a bocca sinuosa e as vossas mãos esbeltas e os vossos cysanthemos d'oiro.

O mais, que importa?

A vida, para mim, são os jardins suspensos do sonho, d'onde, se quizesseis sair, ferieis d'andar muito para além da immensidade que os vossos olhos abrangem, onde eu tenho os meus leões de guarda, que deixam entrar todas as almas sequiosas de Belleza e Exilio, mas não as deixam sair.

Ide, meu Amor, esquecer-vos junto do lago, onde os poços d'agua compõem a sua symphonia extranha e os cysnes nevados passeiam a sua neurasthenia magestosa de principas exilados!

Ide esquecer-vos, meu Amor!

Ha muito quiz sair dos meus jardins suspensos para vêr novos mundos, mas os leões de guarda não me reconheceram e não me deixaram sair.

Se ao menos, nos meus jardins suspensos, oh minha bem-Amada, fosseis humilde como as violetas e li-verseis n'alma a alegria dos cravos vermelhos!

## Risos... de "gaze,,

(A' Exc.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Maria da Conceição  
Ferreira Pontes, illustre Presidente da Com-  
missão Organizadora da linda festa, realiza-  
da a 24-IX-916)

### MOTE

*Senhora Dona Maria,  
Que é tambem da Conceição.  
Não é lusa, na Alegria:  
E' lusa, no Coração.*

### GLOSA

*Perdeu-se de Dor em Dor,  
D'alma em alma, essa flôr  
Que é dos Anjos: a Alegria.  
Perdeu-se de vida em vida...  
—E ninguem lhe deu guarida,  
Senhora Dona Maria!*

*Em Portugal, a tristeza  
E' canto de Amôr, é reza,  
Nosso vinho e nosso pão...  
Alegria... Ai! a Alegria  
Anda com Dona Maria,  
Que é tambem da Conceição!*

*E assim...— não sois d'esta Raça!  
Sois a estrangeira que passa  
Na rua, sem companhia...  
E ao ver-vos passar, e gente  
Ha-de dizer, certamente:  
•Não é lusa na Alegria...  
.....  
.....*

*Mas ah! senhora!— eu diviso,  
Sob a gaze desse riso,  
Sombras vagas... água... um não...  
(Esse é o fingir da Tristeza!!!)  
—Sois no sorrir,—Portugueza;  
E lusa, no Coração!*

Paredes de Coura

TEIXEIRA PINTO.

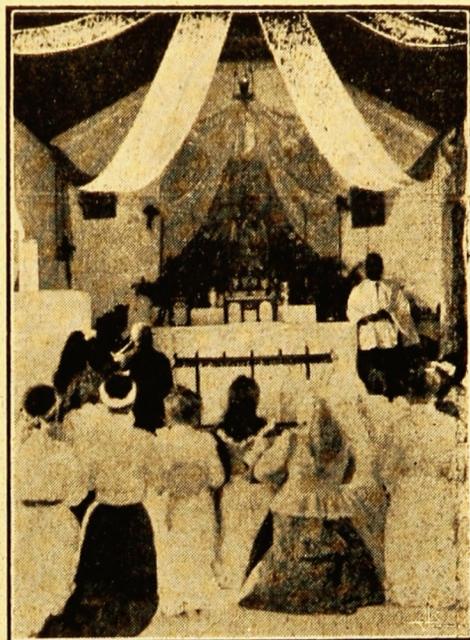


# Vida Colonial

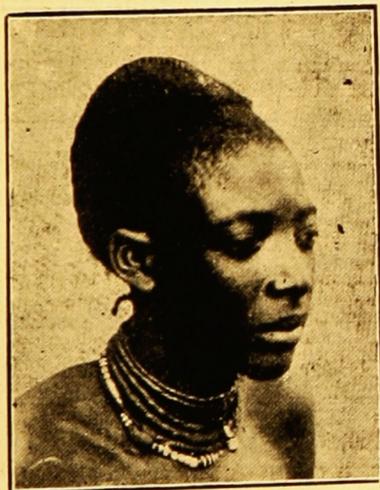
## ANGOLA



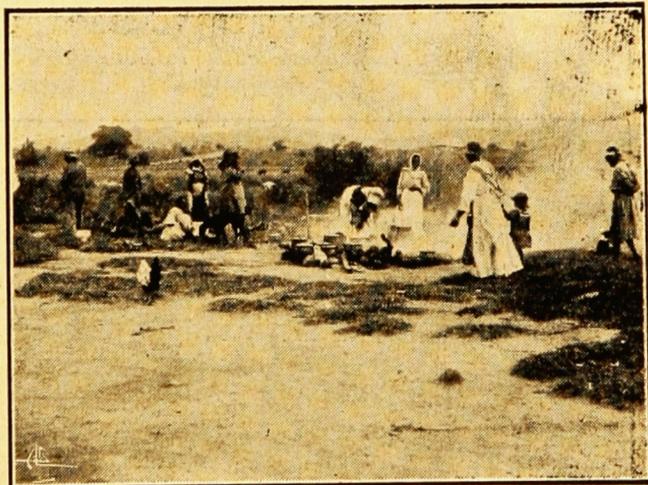
*Humpata. — Um pitoresco passeio d'uma familia portugueza*



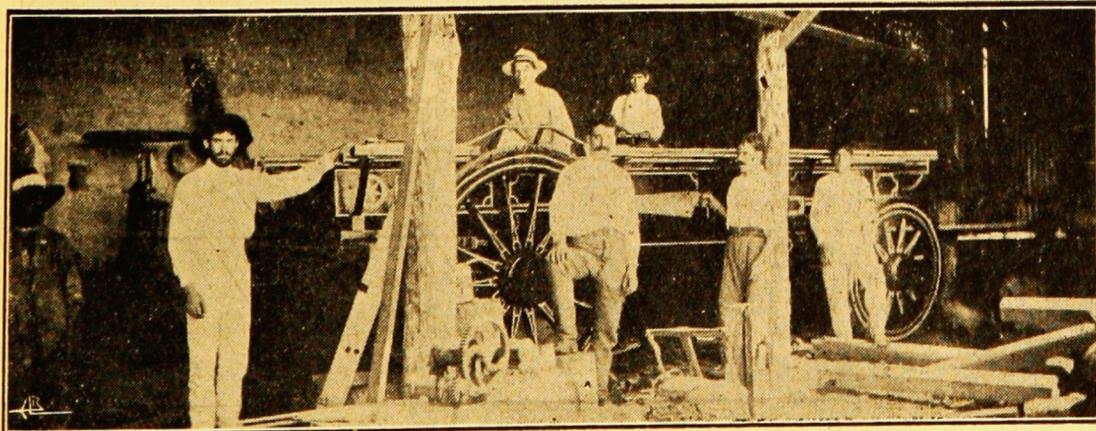
*Lubango. — O Rev. P. J. Martins, fazendo uma pratica aos fieis*



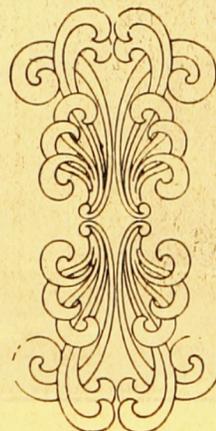
*Um gentio, sobrevivente da couina do Evale*



*Humpata. — Costumes boers, no dia ac casamento, preparando o almoço*

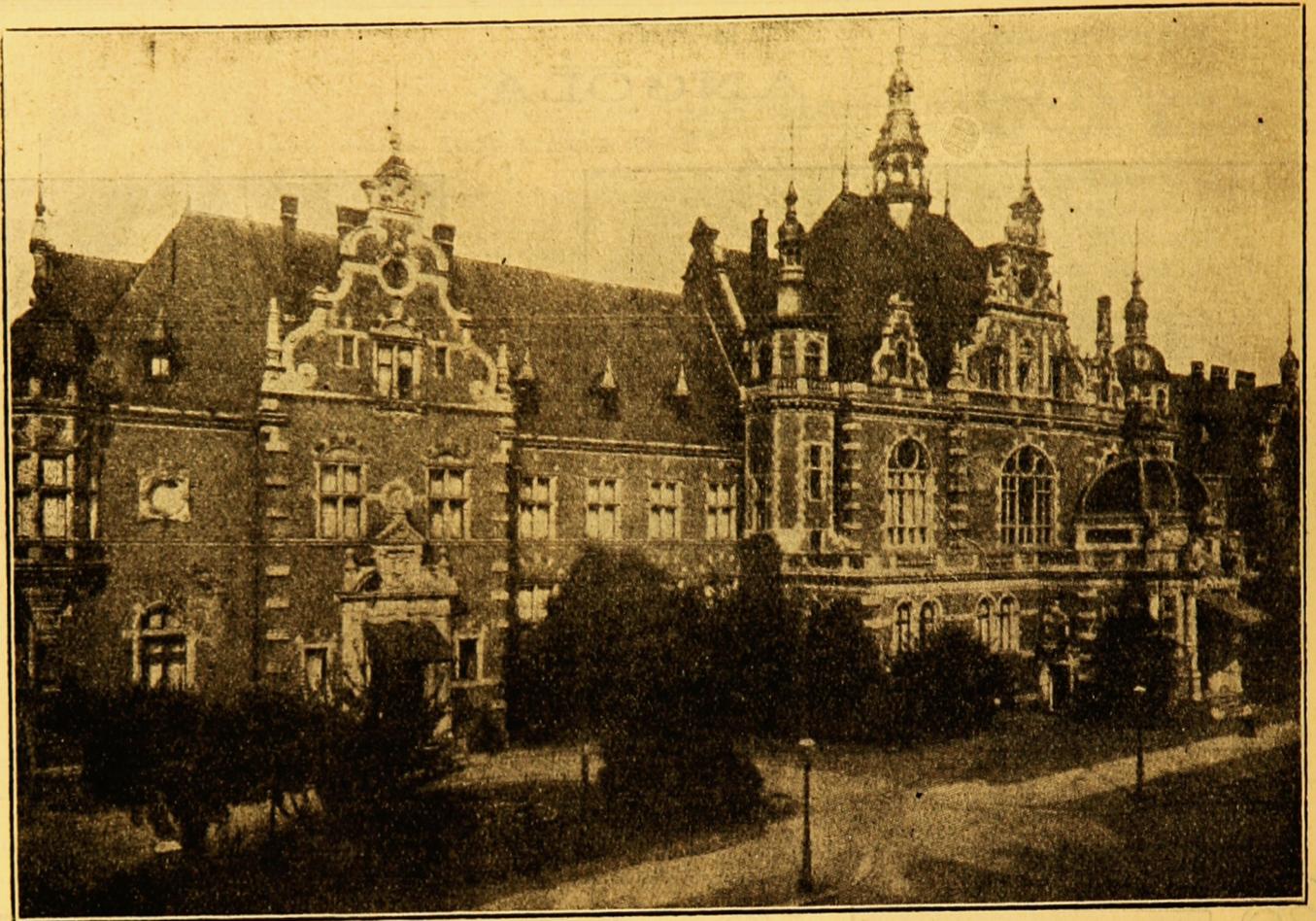


*Chibia. — Costumes madeirenses, oficina de construcção de carros boers*

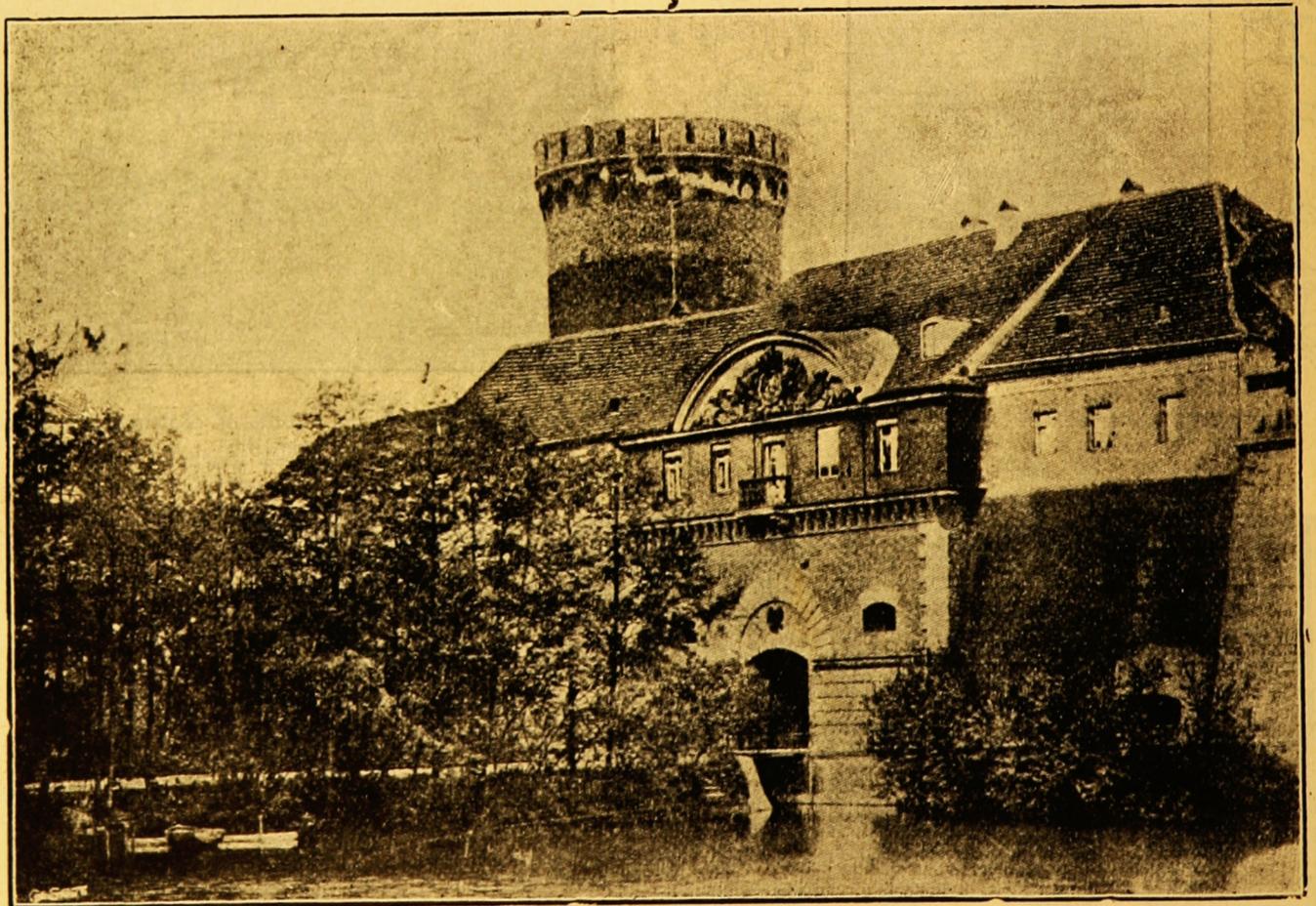


(Clichés de Telles Grillo)

# NA ALLEMANHA

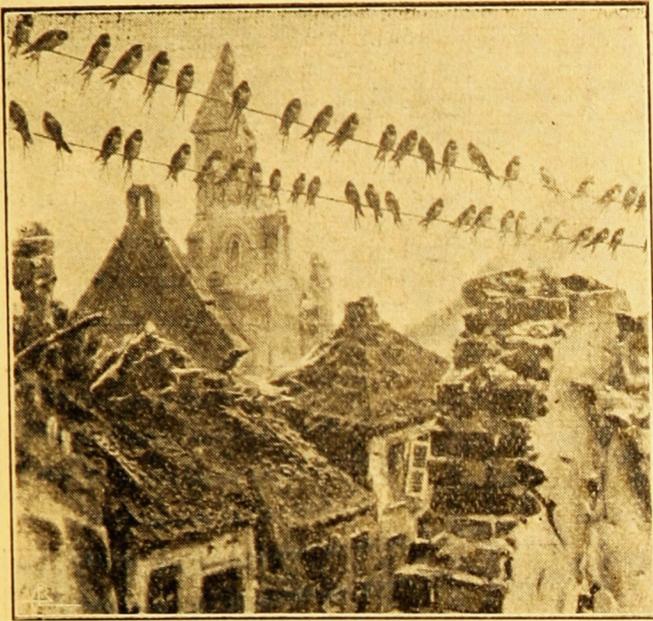


*Leipzig— O edificio da Sociedade das Industrias Livreiras e Artes Graphicas*



*A torre «Julius de Spanoan» perto de Berlim, onde está guardado com todas as precauções o thesouro de guerra allemão*

# ○ Páginas da Guerra Europeia ○

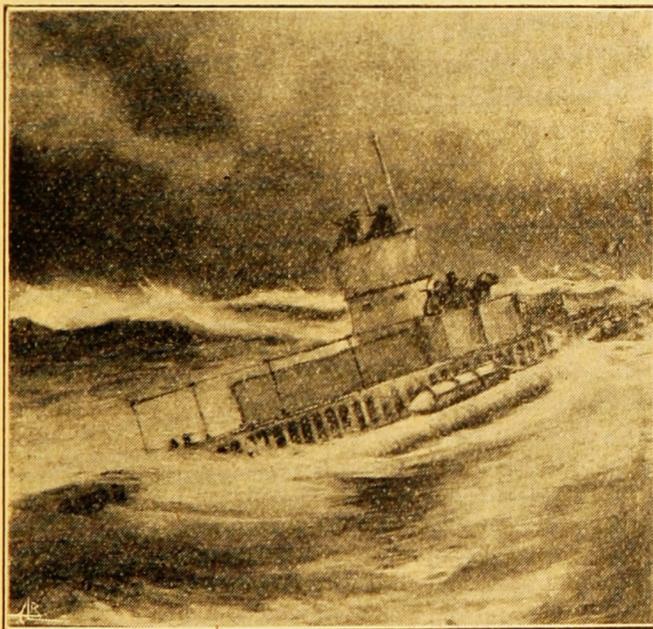


*Um grande congresso de andorinhas discutindo o rumo que devem tomar para emigrarem.*

*Em baixo está uma povoação destruída e abandonada pelos habitantes e que d'alli a momentos as aves deixarao tambem ao frio e ao fogo da metralha.*

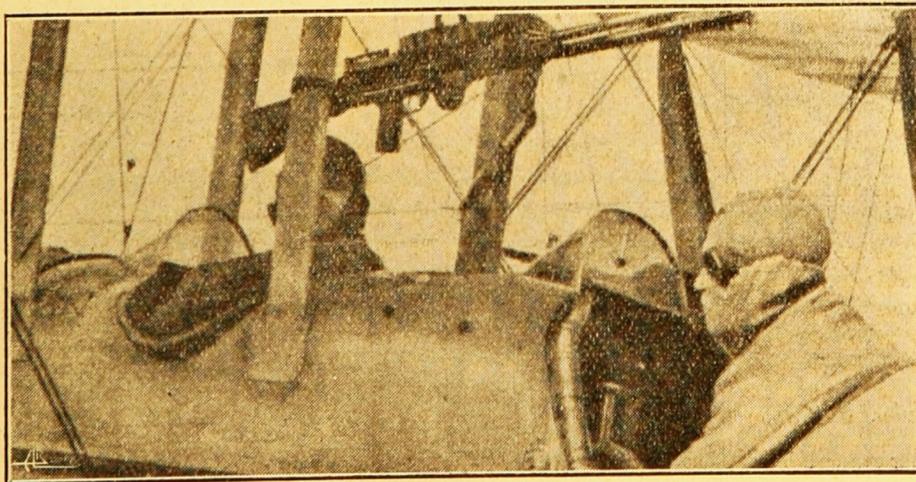
*Como os francezes mandam as ordens ás trincheiras situadas em sitio desabrigado contra a metralha.*

*A partida d'um pombo correio com a ordem.*

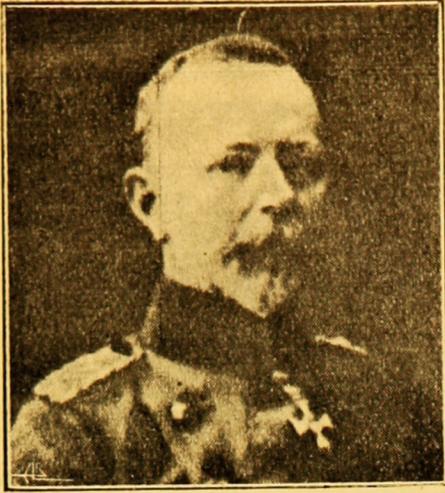


3—Um submarino francez fazendo cruzeiro.

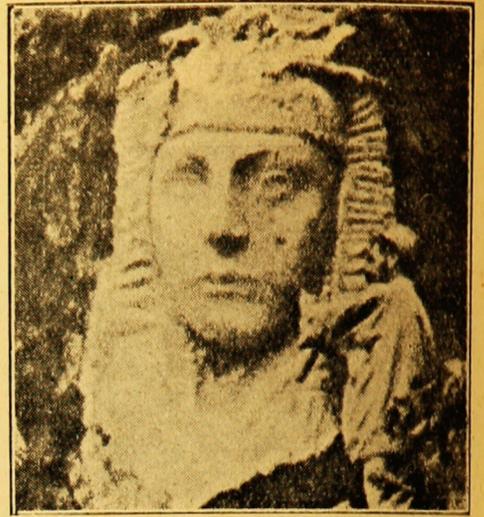
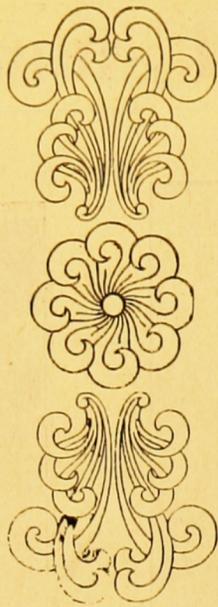
4—Nas trincheiras—O official recebendo ordens do quartel general.



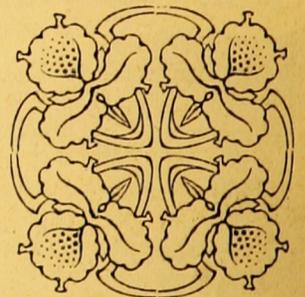
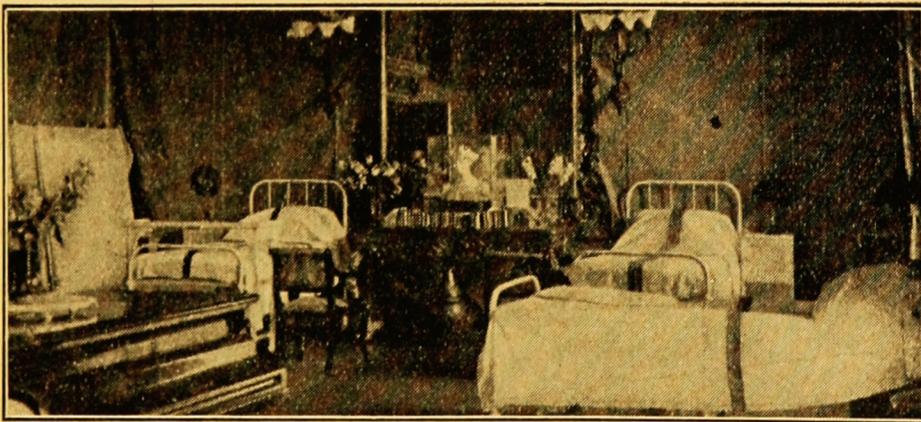
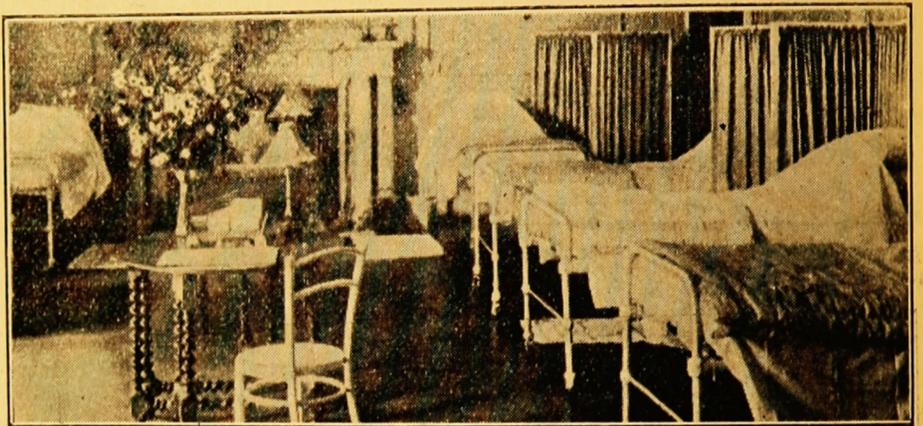
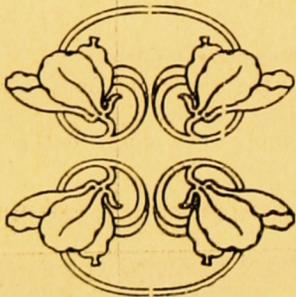
5—Os tripulantes d'um aeroplano no momento de partida. A' frente vae a metralhadora e o manejador e atraz o piloto.



O general allemão Sixt Von Arnim organizador da defensiva allemã na frente occidental



Uma esphinge em gessoobra dum soldaao francez, esculptor n'um valle perto da linha de fogo.

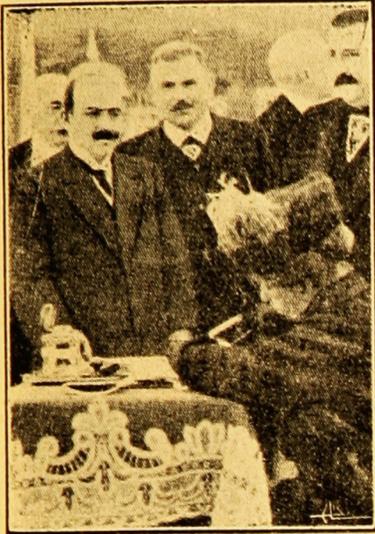


3 e 4—Varios salões d'um novo hospital militar para os officiaes inglezes, em Londres.

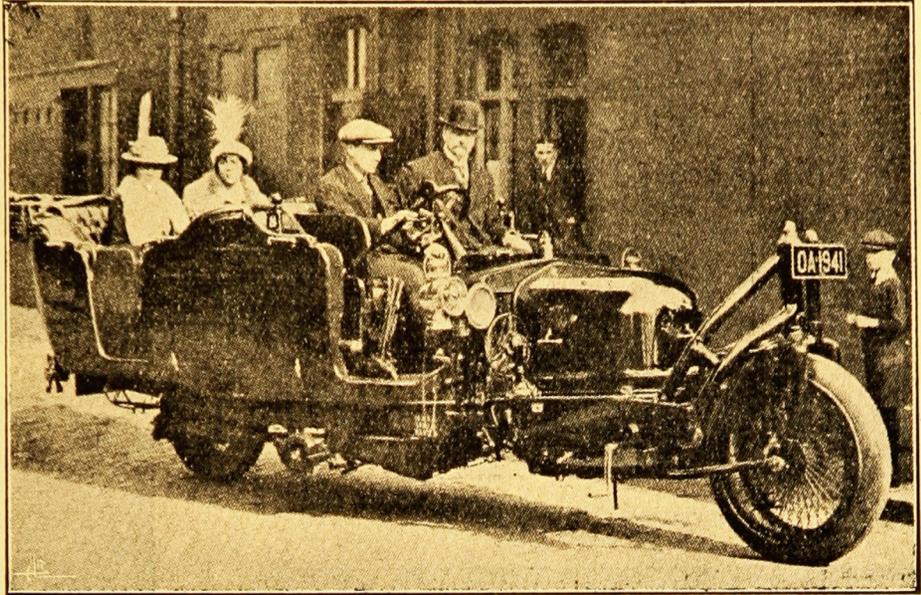
5—Soldados bulgaros capturados pelos servios a caminho do campo de concentração.



# Do Nascente ao Poente



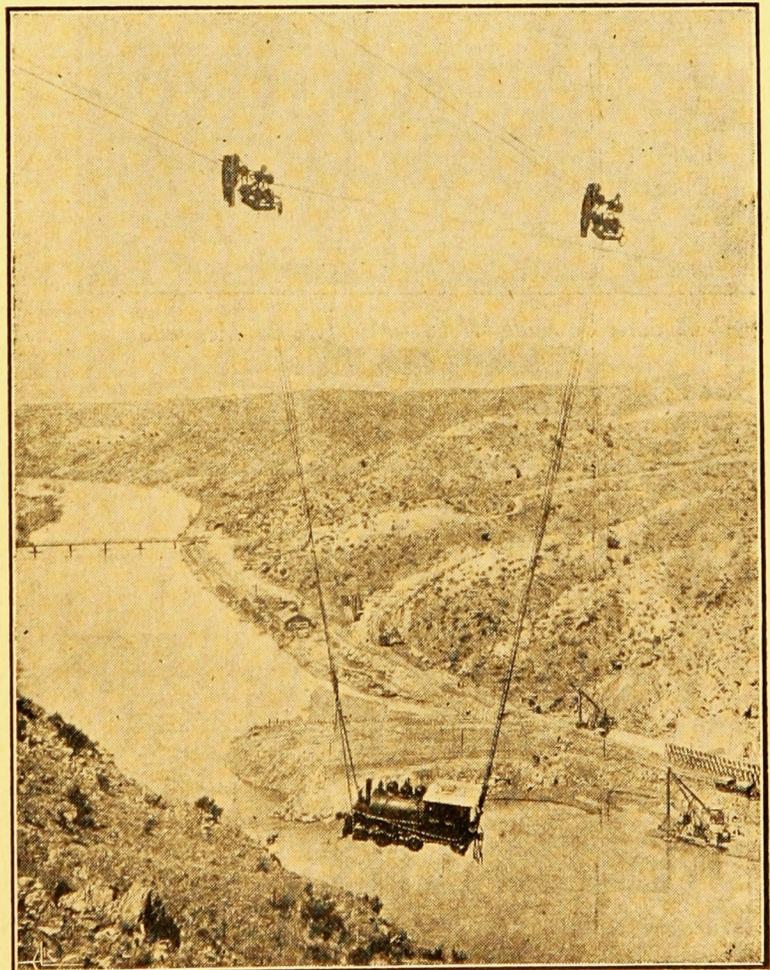
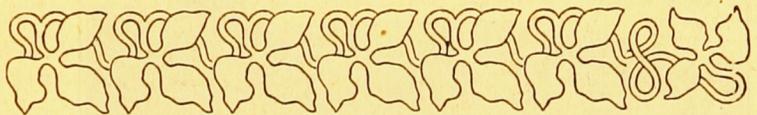
*A rainha Maria Christina, de Hespanha, no acto da collocação da primeira pedra da cidade jardim que vae ser construída em San Sebastián, no bairro de Loyola*



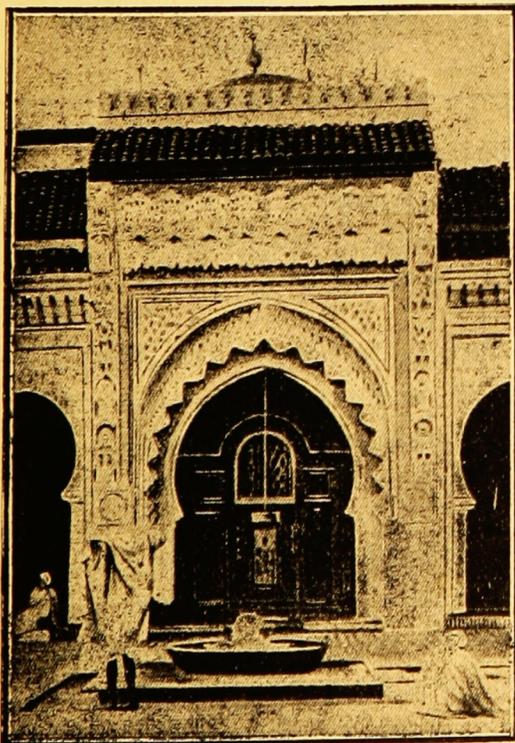
*Um novo automovel. gyroskopico, de duas rodas*

## Viagem aerea

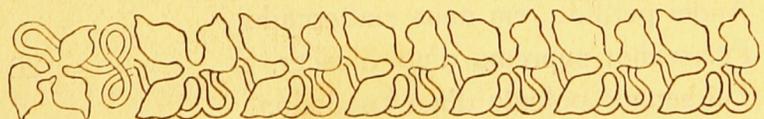
É um interessante aspecto dos arrojados progressos de industria humana e bem accentua a força e poderio do genio, esse de transportar de um a outro monte, suspensa de cabos, uma machina de 20 tonelladas. Conhecidos são pequenos transportes de mineral, materiaes de construção e mesmo passageiros em carros suspensos de cabos electricos. Mas aqui é um prodigio maior, a grande massa de 20.000 kilogrammas, que gira a 100 metros sobre o nivel da agua, entre dois pilares que distam quasi meio kilometro. E basta comprimir um botão electrico para essa enorme carga girar de uma á outra margem da Grande-Ribeira!

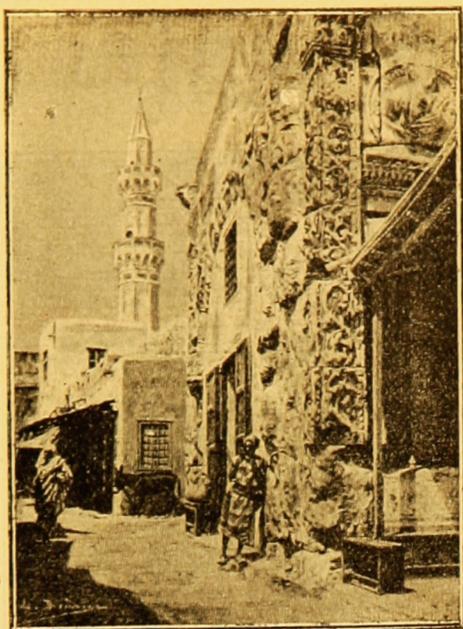


*Uma viagem aerea d'uma locomotiva*

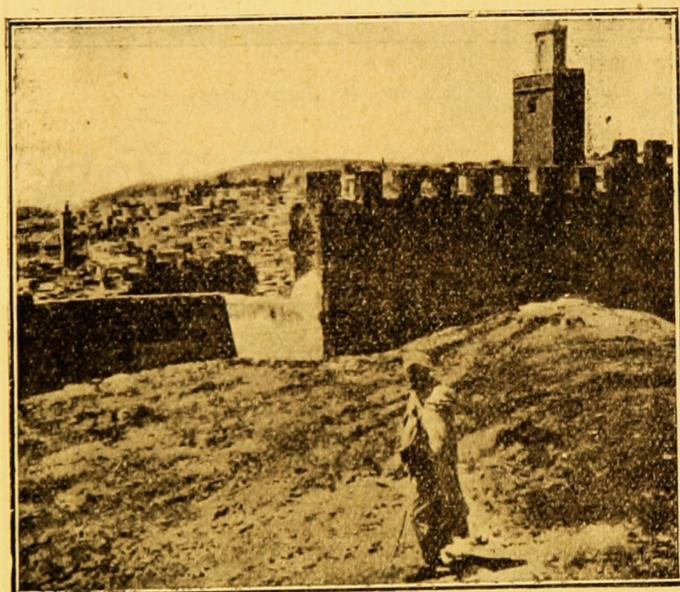
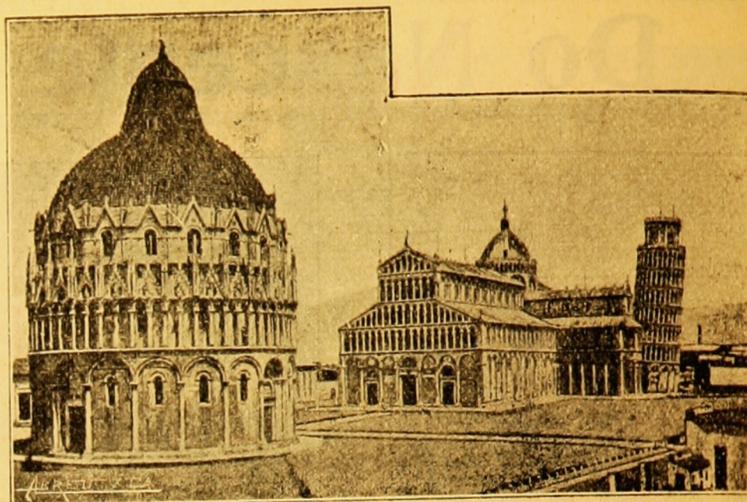


*A côrte de Muley-Hafid  
A porta de Sidi Bunafa. (Fez)*

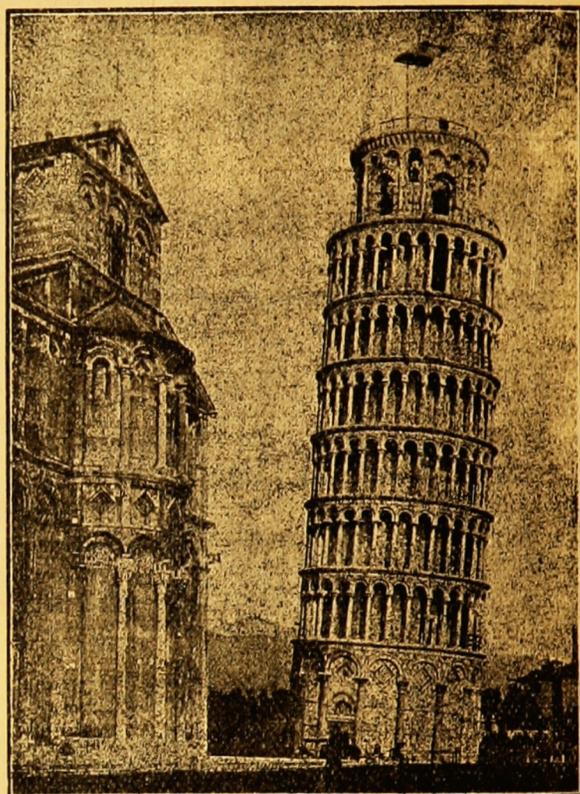




Fez.—O arco romano convertido em café



A côrte de Muley-Hafid—Minarete da Mesquita de Muley Dris, (Fez)



Napoles—Dois aspectos da torre inclinada de Niza (Italia)

## Moço-Fidalgo



Ao illustre actor ex.<sup>mo</sup> snr. Augusto Rosa

Cavalleiro fidalgo fui outr'ora,  
Em batalhas luctei com valentia,  
Abri na minha cóta o meu brazão,  
Gloria da minha alta gerarchia.

N'uma cruzada fui ao Oriente,  
Andei perdido, em naus embarcado,  
Fui senhor supremo d'um alcacer,  
Fui senhor potente d'um condado.

Conquistei castellos e coutadas.  
Trombetas, arnêzes e pendões,  
Soube atrahir a graça feminina,  
Por entre gelosias e balcões.

*Dola Patria a quem amo* era o meu lêma,  
Aberto em oiro por sobre o meu peito,  
Bordado pelas mãos da minha noiva  
Que a morte um dia surprehendeu no leito.

*Dola Patria a quem sirvo* dou a edade,  
Por Portugalia, dou todo o meu ser,  
Pelo pendão das quinas e das chagas,  
Este moço-fidalgo quer morrer.

28 de Julho de 1916.

ADRIANO COIMBRA

# Annos de Velhos

**Q**UE os môços façam annos, bem me está que poucos têm; mas fazerem annos os velhos, e com gaudío proprio e dos seus numerosos, lá me parece tanto ou quanto fóra da razão.

Acho que por estes dias fazem annos dois dictos e no mesmo dia: Um d'elles, velho authentico e de *verdad* como dizem, (74 annos); outro, aspirante ainda (69) (que o prazo para attingir a classe não sei se por alteração official do meridiano, anda agora um tanto arredio).

Certo é que no anno passado cuidou o velhote alegrar a festa commum arranjando uns versinhos da sua lavra, e o que peor é, metteu-se nas andanças de um soneto. Encravou porém na segunda quadra, e de ahí não houve safar-se.

Justo castigo de velhos gaiteiros.

Ensinado pela experiencia, este anno não largou o terreno chão da poesia para dizer ao collega muitas coisas chãs e de facil digestão, como pede a idade.

Por ex: Venha subindo a ladeira da vida, camarada! não esmoreça de trabalho, nem desmaie com os perigos do despenhadeiro. Isto afinal não é tão ruim, como parece lá de baixo.

Tome um ar, e lance a vista para o caminho andado. Aparta-se o horizonte pela frente? Bom signal: E' que estamos no fim da jornada.

Veja porém como se alarga a rectaguarda pelo descampado da vida passada, por onde o fio dos nossos dias correm. Está salpicada de pontinhos negros. E tantos amigos e companheiros que a morte ceifou: E de tantos outros que vivem ainda, para quem nós já morremos.

—Sim, dirá, mas nova geração fervilha por lá, cheia de vida, alegre, emprehendedora, arrojada . . .

--E' verdade, mas não nos conhece nem sequer nos vê.

—Mal dos tempos! que afinal . . .

—Que afinal foi sempre assim, ha-de concordar.

\*

La n'estas alluras o sermão do misántropo velhote, quando se lhe deparou verdadeira mina de erudição barata para remate: contra as leis da velha rhetorica.

O poeta grego Menandro definiu o velho por *animal molesto á gente de casa* (1). Ein? Outro patricio d'elle o snr. Antiphanes botou a seguinte antiphona:

*A nossa vida é como vinho na vasilha: indo para o fim azeda* (2).

Mestre Horacio: *O velho é mau de contentar, lamuriendo, louvador do tempo passado, de quando era rapaz.*

O má-lingua do Juvenal tambem não podia passar sem morder no velho. Chama-lhe *demente, que nem se lembra do nome de amigo, que lhe deu de jantar na vespera* (4).

O Séneca tambem lhe diz uma garolice qualquer, que nem vale a pena registrar.

De todas as zargunchadas hei-de confessar, que mais me doeu a do tal Messandro: "Animal enfadanho!..

—Animal será el'e, seu Menandro ou *Malandro* ou lá quem era!

E aqui perguntará o amigo velho onde fui eu desencantar tanto saber?

E' simples: Metti-me um dia pela *Floresta* do P. Bernardes e lá topei a poucos passos andados com esta tortulheira. Agora é tempo disto.

\*

Meu amigo, meu velho amigo!

No dia dos nossos annos, e sempre, olhemos para deante *ad mansura*, e fique-se por lá o mundo que afraz vem.

Para deante é o caminho; caminhemos.

M. C.

(1) *Molestum animal est senex domi manens.*

(2) *Vista nostra persimilis est vino: cum superest modicum, acescit.*

(3) *Difficilis, querulus, laudator temporis acti de puero.*

(4) . . . *nec vultum agnoscit amici cum quo praelerita caenavit nocti.*

# Anecdotas historicas

## Ditos e pensamentos



Dyonisio, o Tyranno, ás queixas dos seus subditos dobrou-lhes os impostos, e como elles se queixassem novamente, triplicou lhes. E elles, então, largaram a rir, sempre a rir.

Dyonisio considerou:

—Basta agora, elles que riem é signal de que mais nada tem que perder.

### Impostos

### Homem providente

O deputado sir John F. . . era accusado de vender o voto ao governo, e um dia que elle calorosamente defendia um projecto ministerial, segredou-lhe um collega:

—Para que fallais se já tendes todos os filhos empregados?

E elle sem perder o fio ao discurso replicou-lhe a meia voz:

—E' que tenho minha mulher pejada.

### A mesa de Carlos II

### Industrial e fidalgo

O conde de Grammont estando a jantar com o rei de Inglaterra, viu que a meza era mal servida e reparou que o mordomo, segundo o uso, estava de joelhos offerecendo ao soberano um copo.

—Senhor, disse o conde; o vosso mordomo pede-vos perdão da má comida que vos apresenta.

### Lisongeiras

O rei de França Luiz XI favorecia muito os industriaes e os artistas. Um abastado industrial, a quem o rei acolhia com bastante sympathia, pediu-lhe o titulo de barão. Luiz XI concedeu-lhe o titulo immediatamente, mas nunca mais o admilliu á sua meza. Queixando-se o novo barão d'esta mudança, o rei respondeu-lhe:

—Honrava-vos quando ereis o primeiro fabricante, agora não te considero porque és o ultimo fidalgo do meu reino.

Do philosopho Crotos:

—Aquelles que não tem por amigos senão a lisongeiras, veem-se nos perigos tão sós como as ovelhas entre os lobos.

### Epicuro

Este philosopho ensinou:

—Se o homem vivesse conforme a natureza nunca seria pobre e conforme a opinião nunca seria rico, porque a natureza contenta-se com pouco e a opinião é insaciavel.

### Os portuguezes . . .

Attribuindo-nos genio alegre, certamente devido aos raros estroinas endinheirados que vão arruinar-se em Paris, os francezes fizeram esta canção:

Les portugais sont toujours gais,  
Qu'il fasse beau, qu'il fasse mauvais.

### A melhor formosura

Olympias, mãe de Alexandre, dizia:

—A mulher honrada deve casar pelos ouvidos e não pelos olhos, porque a melhor formosura é a boa fama.

## As creadas



—Você não poderia levantar-se um bocado mais cedo?

—Posso, sim, minha senhora... se a senhora quizer ter a bondade de me chamar...

# Ornamentos de Igreja da Casa Estrella



Officinas d'Esculptura e Talha religiosa  
em madeira, marfim e massa

As  
maiores  
officinas  
do Paiz



Peçam  
catalogo  
ilustrado  
com 143  
gravuras

Specimen de uma esculptura em madeira

PORTO

Bomjardim 85 a 89 e rua de Santo Antonio 59 a 63

GUARDA

Representante e depositario CASA LUCENA—Rua Heliodoro Salgado

# Monte Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade  
dos Clerigos Pobres de Lisboa

© clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguinte documentos:

—1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.  
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (p'avras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcebispo, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum.

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga deve dirigir-se ao Rev. Padre Antonio José de Carvalho, residente na rua de Santa Margarida, 9, em Braga, ou ao Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monsanto; ambos são socios correspondentes do Monte Pio.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.

# Frigideiras e Restaurante

## CASA DO CANTINHO



Largo de S. João do Souto  
**BRAGA**

Estabelecimento mais antigo  
e acreditado n'este genero

A. de Menezes

### MANUAL DAS FILHAS DE MARIA (Congregações marianas)

Preços:—Encadernado em carneira, 490; em chagrin, corte doirado, 540 réis.

### MANUAL DOS CONGREGADOS DE N. SENHORA

Preços:—Encadernado em percalina, 440; em carneira, 490; em chagrin, corte doirado, 540 réis.

Novas edições, feitas por A. de Menezes, em harmonia com as ultimas regras publicadas.

Francos de porte. Para registo, mais 50 réis por pacote. Os pedidos, acompanhados da respectiva importancia, devem ser feitos a ANTONIO GOMES PEREIRA, Calle San Telmo, 21—**TUY**.

## Arte e Religião

Officinas de escriptura e entalhador

47—Rua da Fabrica—49

**PORTO**

Deposito de imagens, sanctuarios, banquetas e todos os mais artigos e aprestos religiosos.

Execução de encomendas para as Provincias, Ilhas, Ultramar e Brazil.

Preços e todas as informações

Pereira d'Abreu & Filhos

SUCCESSOR

José da Silva França

## Almanaque de Santo Antonio (Para 1917)

Está publicado este excellente ALMANAQUE.

A venda nas principaes livrarias e na administração do BOLETIM MENSAL

**BRAGA**

PREÇOS Brochado, 250  
Cartonado, 320

## TEIXEIRA DE ANDRADE

Professor do Circulo Polyglota

Rua de S. Marcos, 46

Ensina linguas para o Lyceu,

Escola Normal e Commercio.